



Doctrina

DIREITO DO TRABALHO E POLÍTICA ECONÔMICA E SOCIAL

Prof. DÉLIO MARANHÃO

Necessidade de aprendizado jurídico realmente funcional — Sintonia da Universidade com o ritmo do progresso — Desatrelamento da estrutura universitária da estrutura social anacrônica — Democratização da cultura.

Gostaria de vos falar de improviso. Gostaria de lhes falar. Este pretensioso tratamento na segunda pessoa do plural, que o protocolo impõe, cria uma distância entre mim e vós que, felizmente, nunca existiu na sala de aulas ou fora dela. A que decorre da diferença de idade que, muito a contragosto para mim, nos separa no tempo, e da diferença das posições ocupadas — professor e aluno — esta, sempre timbrei em encurtá-la. Jamais exigi chegásseis a mim. Esforcei-me, sempre, por chegar até vós. Creio, sinceramente, que os da minha geração têm mais a aprender com os moços, que estes com aqueles. E que os mais velhos somente poderão levar uma legítima cooperação à mocidade se, de espírito, permanecerem jovens. Quero dizer: honestos, autênticos, idealistas. Não sei de espetáculo mais revoltante que o do refalsado puritanismo dos mais velhos, tentando mascarar a covardia, o conformismo, a mediocridade, a capitulação, a transigência, o apêgo às posições, aos privilégios. Como não sei de espetáculo mais confrangedor que o do moço, de juventude apenas biológica, covarde, conformado, medíocre, bitolado, interesseiro, espiritualmente envelhecido.

Gostaria de vos falar de improviso. Não que seja orador. Que o não sou, melhor que ninguém, vós o sabeis. Diria, antes, precisamente por não sê-lo. Porque minha palavra, pobre e hesitante, totalmente desornada da pompa enganadora da retórica, deixaria, por isso mesmo, bem visível, a marca essencial da sua autenticidade. Redigi, assim, este discurso procurando manter a mesma singeleza, a mesma despreocupação quanto à forma puramente

literária, o mesmo compromisso sagrado de vos não dizer senão o que penso e de não me apresentar diante de vós senão como sou como sempre me dirigi a vós, como se vossas almas, e não o papel, recolhessem as palavras que escrevia. Não sei de maior crime que o de embair a mocidade. Não sei de maior farsa que a da palavra, a que não corresponda um sentimento genuíno.

SATIE, o grande e rebelde compositor francês, agressivo na sua autenticidade, intransigente contra toda e qualquer transigência, sabendo ter sido outro grande artista de vanguarda, amigo seu, escolhido para uma dessas homenagens com que se costuma premiar os bem comportados, escreveu-lhe estranhando o fato. Respondeu-lhe o amigo dizendo que recusara a homenagem. Retrucou-lhe SATIE: o importante não é recusar, é não merecer. A esta altura de minha vida, que por ser a de um juiz, sempre foi simples e discreta, trouxestes-me, pela vossa generosidade compreensiva, a um nobre proscênio, onde — apesar da gentileza com que tenho sido, nesta Casa, cativamente distinguido — por estar longe de ser eu daqueles bem comportados, à falta de hábito, não me sinto muito à vontade. Quando, porém, prestam os jovens uma homenagem, não há que duvidar da sinceridade com que o fazem. Não há que temer quanto à pureza de seus propósitos. Diferentemente, portanto, do que ocorre em relação a tantas outras homenagens, o importante, aqui, é merecê-la.

Homenageastes, como senti das palavras carinhosas do nosso caro GILBERTO, quem nunca tentou vos iludir, quem vos falou, constantemente, a linguagem retilínea da franqueza, quem jamais pretendeu impingir-vos as próprias idéias, quem, em instante algum, assumiu, diante de vós, a atitude acaciana de dono da verdade, de quem guarda no bolso, dogmáticamente, a resposta certa a todas as perguntas. Mas — ao contrário — quem, sem falsa modéstia, que é a pior forma de imo-

déstia, sinceramente, humildemente, confessou-se, apenas, um estudante mais velho, mais experimentado, e que, ouvindo vossas observações, vossas críticas inteligentes, aprendia ensinando e ensinava aprendendo. A humildade da ciência — disse COUTURE — corre em linha sutilmente paralela à humildade do coração. Mas humildade não quer dizer falta de convicção. Ausência de calor na sustentação dos próprios pontos-de-vista. Quem acredita estar com a razão tem o dever de lutar pela prevalência do que tem como certo. Mas debate não é teimosia. Convicção não é vaidade. Discussão não é monólogo. Maior que a coragem que se deve ter para lutar pelas próprias idéias, é a que é preciso se tenha para declarar-se vencido. Convicção não é idéia fixa. Professor algum deixará, alguma vez, de aprender alguma coisa, com algum aluno. Daí ter buscado, sempre, convosco, o diálogo, aberto, franco, leal. Do nosso contacto, firmado em tais bases, nasceu, entre nós, um vínculo afetivo que, para mim, vale muito mais que o que poderia resultar da admiração do aluno pelo professor, como professor. Em todas as coisas humanas, o valor mais alto é o valor humano. Homenageastes o amigo. Permitti, pois, que tranquilize minha consciência, dizendo-me que esta homenagem — em que o importante é merecer — eu podia aceitá-la. Se o professor não pôde ser quanto desejaria, por não depender de sua vontade, o amigo, quanto quis, pôde ser, porque dependia, apenas, do seu sentimento. Meus amigos, muito, muito obrigado. E, por ser vosso amigo, serei breve. Dêstes-me tempo para isso.

Desejo manifestar ao Governador CARLOS LACERDA, a par dos cumprimentos pela formatura do SÉRGIO e do GABRIEL, minhas felicitações por se ter estendido à Turma toda aquela natural condição de Patrono de dois de seus mais brilhantes componentes.

Quero, agora, comovidamente, pronunciar o nome de um grande morto: o do grande amigo e do grande mestre que tivestes, desembargador MIGUEL MARIA DE SERPA LOPES. E a comoção com que o faço, é a mesma que vos invade aos vossos corações. Jurista de primeira plana, homem puro, homem autêntico, homem bom, cuja vida foi um exemplo para todos nós. Mas, como escreveu RUY, a propósito da morte de outro eminente juiz, ao traçar o paralelo entre a justiça e a morte: a justiça "continua a ser a justiça, como o oceano a ser o oceano, enquanto as ondas correm sôbre as ondas, como as existências sôbre as existências". Devo prosseguir, portanto. E não me esquecer de que vos prometi ser breve.

Infelizmente — não me arreceio em dizê-lo, porque convencido de andar perto da verdade — infelizmente, menos por culpa de vossos professores, menos por culpa de vossa faculdade, muitíssimo menos por culpa vossa, mas por culpa, acima de tudo, do atual sistema de ensino jurídico, daqui saís, como saem os bacharéis de todas as faculdades, despreparados para a vida profissional que ides enfrentar. Urge que o ensino do direito afaste o ambicioso feitio enciclopédico que ainda teima em manter, num lamentável descompasso com as exigências da sociedade contemporânea. É inadmissível que, numa época de aviões a jato, se conserve, quase inalterado, um sistema de comunicação cultural que reflete as necessidades de um tempo em que se viajava de diligência. É preciso que a medida da transmissão de cultura, prevista nos programas, perca em pretensão, para ganhar em efetividade. Nos últimos anos do currículo, faz-se mistér que o aluno — já com a base dos conhecimentos fundamentais, indispensáveis a todo jurista — possa eleger seu rumo no sentido da especialização, reduzindo-se o número de matérias, dando-lhe a oportunidade de um aprendizado realmente funcional. Urge que o estudante não aprenda, tão somente, nomes de autores e controvérsias eruditas, mas se familiarize com a vida do Direito, com o Direito como ele é, como se aplica nos tribunais. Um ensino não apenas teórico, mas prático e objetivo, que não desalente, mas estimule. Deve o bacharel deixar a faculdade com as ferramentas, que esta lhe forneça, para exercer uma profissão.

Urge que, no Brasil, a Universidade entre em sintonia com o ritmo do Brasil. Que as aspirações do povo ressoem em suas salas. Que se transforme num instrumento socialmente útil no processo que vivemos, de que nem todos se apercebem, e através do qual, penosamente, contraditoriamente, quantas vezes, o Brasil procura ser ele mesmo, sem tutelas, no caminho de sua independência, que somente poderá alcançar quando vencida a barreira do subdesenvolvimento econômico e social. Urge que a estrutura universitária não mais se atrele a uma estrutura social anacrônica, de que se aproveitam supostas elites, e que a democratização da cultura contribua, eficazmente, para que a democracia política não seja, apenas, um ideal, muito menos uma palavra, vazia de conteúdo, tantas vezes farisáicamente manipulada, mas uma realidade fecunda em conseqüências benéficas para todo o Brasil, para todos os brasileiros.

Se a segurança é o valor funcional do Jurídico, a justiça é o valor ético que o Di-

reito — fato cultural — tende a realizar. E, como sublinhou COUTURE, na relação jurídica do trabalho está em jôgo a mais nobre das substâncias do Direito — a substância humana. Mera coincidência, talvez: duas turmas consecutivas, nesta Faculdade, a do ano passado e a vossa, elegeram paraninfo um professor de Direito do Trabalho. Claro que, na escolha anterior, muito pesaram a personalidade e o saber do ilustre jurista professor NÉLIO REIS, que teve a honra de substituir, por não lhe permitirem os múltiplos afazeres continuar emprestando a esta Faculdade sua inestimável colaboração. Certo é, porém, que o Direito do Trabalho — instrumento de política econômica e social — se encontra, por sua natureza, no centro daquele processo evolutivo, a que aludi. E que seu sentido, acentuando a elevação do valor ético do trabalho humano, e que pode ser resumido na célebre fórmula kantiana — o homem é um fim em si mesmo e não simples meio para outro homem — atrai, por êsse motivo, a generosa atenção da mocidade. Como frisou o historiador norte-americano PHILIP LEE RALPH, depois de mostrar que o “industrialismo”, por si só, não é nem amigo nem inimigo da civilização, a verdadeira tarefa não é criar uma civilização industrial, mas ética. No fundo diz ele — “o que perturba a civilização ocidental contemporânea é que ela é imoral”. Nela o homem — fim em si mesmo — sente-se como um estranho, alienado. As pessoas e as coisas perdem-se na quantificação e na abstração, que tudo reduzem a um valor de troca expressado em uma quantidade de dinheiro. Contra isso, lembra ERICH FROMM, protestou GERTRUDE STEIN em seu famoso verso: “uma rosa é uma rosa é uma rosa”. E contra isso protesta o direito do trabalho: o salário não é o preço da força de trabalho — é o meio de subsistência de um ser humano, a quem a sociedade não pode negar o direito a uma existência humana. Mas — acentua EVARISTO DE MORAIS FILHO —, o direito do trabalho é um direito de transição para uma civilização em mudança. Como diz o Padre KOTHEN, é preciso imprimir ao conjunto da economia uma direção “humana”.

Neste processo histórico, em que estamos mergulhados, nunca é demais ressaltar o papel que a juventude é chamada a desempenhar. Em todos os tempos, em tôdas as épocas de mudança social, sempre que a Humanidade teve que dobrar uma esquina na História, a atuação dos jovens foi, também, sempre, decisiva. É que os jovens, por definição, são mais sensíveis às vibrações, que os sentidos embotados dos mais velhos são incapazes de

perceber, provocadas pelas rachaduras de certas colunas do edifício social, colunas cujos fundadores é a constante lição da História — supunham tê-las fincado para a eternidade. É que os jovens, por definição, não são comprometidos, ainda não venderam a sua alma. Firmam, por isso, o olhar no horizonte e, de cabeça erguida, procuram orientar-se pela bússola da perspectiva histórica, e não, como os comodistas e timoratos, de cabeça baixa, pela dos próprios e estreitos interesses materiais, erigidos em escala de valores sob nomes altissonantes. Recusam-se a fazer dêsses interesses, assim disfarçados, um biombo, que lhes não permita divisar para onde marcham. Já dizia PASCAL que o homem corre despreocupado, depois de ter, êle mesmo, colocado alguma coisa à sua frente, que o impeça de ver o precipício para o qual se lança. Não são “progressistas do passado”, como os que, sem perceberem a própria inconseqüência, verberam, a salvo de qualquer risco, tudo quanto, outrora, representou a reação, o atraso, o conservantismo, mas, se chamados a uma opção, colocam-se, no presente, ao lado de tudo quanto, agora, representa o conservantismo, o atraso, a reação, iludindo-se a si mesmos e não se vendo, como são, timoratos e comodistas. Os jovens não se acomodam e não temem. Não avaliam os acontecimentos, como os comodistas e timoratos, pela escala liliputiana de suas pequenas vidas, de suas pequenas idiosincrasias, de seus pequenos receios, de seus pequenos pruridos moralistas, de seu pequeno sossêgo, de suas pequenas indignações, tomando os sintomas pelas causas, enxergando as árvores sem notar a floresta, atravessando a História sem sentir a História. O paradigma dos jovens é GOETHE em Valmy e não FABRÍCIO em Waterloo. É que êles são idealistas. São puros.

Dirigindo-me a jovens, quero dizer-vos que o vosso paraninfo confia em vós. Confia na juventude do Brasil. E, por confiar nela, confia no Brasil mesmo. Na sua capacidade de conduzir o processo histórico, que vivemos, a uma solução verdadeiramente democrática, abolindo os privilégios, promovendo o bem-estar dos que, com suor, lágrimas e sangue, fertilizam a terra, que cultivam, lubrificam as máquinas, que operam, criam a riqueza, que devem, por isso mesmo, de justiça, na justa medida, por igual, usufruir. Há uma corrente de inquietação, que atravessa não apenas o Brasil, mas todos os países subdesenvolvidos do mundo. Basta querer olhar para ver que se trata, não de um fenômeno local ou episódico, mas de um sintoma de mudança social, cujas raízes são praticamente as mesmas em

tôda uma vasta área do globo terrestre. É que os povos desses países sabem, hoje, que o subdesenvolvimento não constitui uma fatalidade, a que estariam condenados por contingências geográficas ou étnicas. As causas desse estado de coisas, sabem-nas os jovens de todos esses países. Dêles podemos e devemos esperar, por conseguinte, o impulso sadio, indispensável a uma solução que, respeitados os autênticos valores, que o próprio conceito de civilização supõe, e sem os quais perde o Homem sua dimensão moral e, pois, se desumaniza, seja capaz de estabelecer, dentro das fronteiras nacionais, o equilíbrio entre os interesses da coletividade e a dignidade da pessoa humana, trazendo o bem-estar para todos sem ferir a liberdade essencial de cada um, e, nas relações entre os povos, o equilíbrio entre os interesses da humanidade e a dignidade de cada país, que quer ter o direito de elevar o padrão de vida de seus habitantes, de se desenvolver econômica e socialmente, salvaguardando a Paz e erradicando a miséria, sem a exploração, portanto, do homem pelo homem ou de um país por outro país, para que possamos falar, autênticamente, num mundo livre e numa civilização cristã.

Um conselho? Sêde vós mesmos. Conservei-vos jovens. Idealistas. Não capituleis. Não transijais. Não procureis vencer na vida, vivendo uma vida que não vale a pena ser vida. Vossa missão é contribuir para que, um dia, todos nós, possamos viver num mundo em que o fruto do êxito não envergonhe quem venceu por fora e, na realidade, foi vencido,

por dentro. Lembrai-vos do verso de JUVENAL: "propter vitam vivendi perdere causas". Não percais, por amor à vida, a própria razão de viver. Acreditai em vós mesmos e, assim fazendo, acreditai no Brasil, porque o Brasil sois vós.

Os tempos são difíceis. A tarefa é árdua. Graves e complexas as questões. Mas a Humanidade sempre soube resolver os problemas que a História lhe criou. Essa mesma dificuldade, essa mesma aspereza, essa mesma complexidade são um estímulo aos jovens, pois lhes engrandece a missão que, no Brasil, a História, hoje, lhes comete. Lembrai-vos daquela frase de KANT, que vos repeti no nosso primeiro dia de aula, como uma divisa para o curso que fizemos, e que gostaria ter podido gravar no coração de cada um de vós: "tôdas as coisas têm preço, só o homem tem dignidade". E é a grandeza de atitude, a grandeza de espírito, a grandeza de sentimento, numa palavra, a grandeza moral que dignifica o homem. Sêde grandes. Os grandes se sobrepõem ao medo, que "esteriliza os abraços", e não se escravizam a um mundo caduco, onde — como disse o poeta — "as formas e as ações não encerram nenhum exemplo".

Nestes termos, eu vos desejo: SEDE FELIZES.

Discurso proferido como paraninfo da Turma de bacharelados da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

3.º VOLUME DE

"A CONSOLIDAÇÃO TRABALHISTA VISTA PELO SUPREMO TRIBUNAL"

de Calheiros Bomfim

(nesse livro, a C.L.T. é comentada, artigo por artigo, pelo Supremo Tribunal Federal, através de suas decisões, inseridas ao pé de cada texto legal. Os acórdãos nele reunidos referem-se a períodos de jurisprudência não compreendidos no volume anterior, ou seja, correspondem aos dois últimos anos de julgados da mais alta Corte de Justiça do país.)

Preço do exemplar encadernado Cr\$ 1.800,00